

O LEGADO DA HISTÓRIA: AS PINTURAS RUPESTRES DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA SERRA DA CAPIVARA – PI

CLEIDE MARIA DE CARVALHO SILVA¹

RESUMO: Esse artigo trata-se de uma pesquisa feita com os acadêmicos de Licenciatura em História do CEAD/UFPI em uma aula de campo, nos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara- PI. O tema pesquisado são as práticas pedagógicas e o título é: O legado da história: as pinturas rupestres dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara – PI. Objetivo geral: Analisar na visão dos acadêmicos de Licenciatura em História as pinturas rupestres dos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara – PI e a partir do geral criou-se os objetivos específicos: Conhecer as pinturas rupestres, como formas e pigmentação; Despertar nos acadêmicos o interesse pela pré-história da América; Disseminar a importância do PARNA SERRA DA CAPIVARA para as aulas de História. Essa pesquisa justifica-se pelo fato que durante milênios as paredes dos sítios do PARNA Serra da Capivara, foram pintadas e gravadas por grupos humanos com diferentes características culturais que se refletem nas escolhas gráficas que aparecem nos sítios, representando o seu cotidiano, a sua cultura. Fazendo-se hoje uma sala de aula a céu aberto e com isso, os acadêmicos possam utilizá-la e deixar o uso exclusivo da teoria. A problemática da investigação foi: Por que não conhecer os sítios arqueológicos do PARNA Serra da Capivara? E baseando-se em Pessis e Guidón que falam do PARNA e Silva que fala sobre as práticas pedagógicas. A metodologia, procedeu-se à realização de levantamento de dados, para subsidiar-se o desenvolvimento do trabalho. Com os dados coletados, observou-se a real importância do parque para as aulas de história e claro para a própria cultura mundial, haja vista, que o mesmo possui vestígios que colocam em dúvida o próprio surgimento do homem na América.

PALAVRAS-CHAVE: Serra da Capivara. Aula de campo. Pinturas rupestres.

RESUMEN: Este artículo se trata de una encuesta realizada con los académicos de Licenciatura en Historia del CEAD / UFPI en una clase de campo, en los sitios arqueológicos del Parque Nacional de la Sierra de Capivara. El tema investigado son las prácticas pedagógicas y el título es: El legado de la historia: las pinturas rupestres de los sitios arqueológicos de la Serra da Capivara - PI. Objetivo general: Analizar en la visión de los académicos de Licenciatura en Historia las

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental – Paraguai; mestre em Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental – Paraguai; graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí.

pinturas rupestres de los sitios arqueológicos del Parque Nacional de la Sierra de la Capivara - PI ya partir del general se crearon los objetivos específicos: Conocer las pinturas rupestres, como formas y pigmentación; Despertar en los académicos el interés por la prehistoria de América; Diseminar la importancia del PARNA SIERRA DE CAPIVARA para las clases de Historia. Esta investigación se justifica por el hecho de que durante milenios las paredes de los sitios del PARNA Serra da Capivara, fueron pintadas y grabadas por grupos humanos con diferentes características culturales que se reflejan en las elecciones gráficas que aparecen en los sitios, representando su cotidiano, su cultura, . En la actualidad, una sala de clase a cielo abierto y con ello, los académicos pueden utilizarla y dejar el uso exclusivo de la teoría. La problemática de la investigación fue: ¿Por qué no conocer los sitios arqueológicos del PARNA Serra da Capivara? Y basándose en Pessis y Guidón que hablan del PARNA e Silva que habla sobre las prácticas pedagógicas. La metodología, se procedió a la realización de levantamiento de datos, para subsidiar el desarrollo del trabajo. Con los datos recogidos, se observó la real importancia del parque para las clases de historia y claro para la propia cultura mundial, hay vista, que el mismo posee vestigios que ponen en duda el propio surgimiento del hombre en América.

PALABRAS CLAVE: Serra da Capivara. Clase de campo. Pinturas rupestres.

INTRODUÇÃO

Esse artigo originou-se a partir da disciplina de Arqueologia do curso de Licenciatura em História com os alunos do CEAD/UFPI de São José do Peixe Piauí. Após a teoria veio a necessidade de conhecer os sítios arqueológicos *in loco*, nada mais apropriado do que uma aula de campo nos sítios arqueológicos do PARNA da Serra da Capivara – PI. O estudo e de cunho bibliográfico e material colhido diretamente na aula de campo. Tem como objetivo geral Analisar na visão dos acadêmicos de Licenciatura em História as pinturas rupestres dos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. E como objetivos específicos: Conhecer as pinturas rupestres, como formas e pigmentação; Despertar nos acadêmicos o interesse pela pré-história da América; Disseminar a importância do PARNA SERRA DA CAPIVARA. Essa pesquisa justifica-se pelo fato que durante milênios as paredes dos sítios do PARNA Serra da Capivara, foram pintadas e gravadas por grupos humanos com diferentes características culturais que se refletem nas escolhas gráficas que aparecem nos sítios. O maior atrativo do parque é a diversidade de sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres, onde os acadêmicos possam utilizar para seu conhecimento *in loco* sobre arqueologia. É um verdadeiro Parque Arqueológico com um patrimônio cultural de uma riqueza que determinou sua inclusão na Lista do Patrimônio Mundial pela UNESCO. O visitante pode hoje observar as pinturas rupestres e perceber a sua narratividade de fatos da vida cotidiana e cerimonial da vida nas tradições Nordeste, Agreste e Grafismo. Pelo seu valor cultural, em 1991 a UNESCO inscreveu o Parque Nacional na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade.

A partir da aula teórica de Arqueologia percebe-se que uma aula de campo seria necessária e após a visita ao PARNA, escreve e descreve o que foi contemplado.

A fundamentação teórica baseou-se principalmente em (GUIDÓN, 2003) que explica a pré-história, etno-história, antropologia, geologia, paleontologia, zoologia, botânica e educação e (SILVA, 2018) mostra as práticas pedagógicas utilizadas no Parque Nacional da Serra da Capivara.

A metodologia Iniciou-se com a aula teórica de arqueologia, seguida de um pré-projeto para uma aula de campo ao PARNA Serrada Capivara, sob a orientação da professora Cleide Carvalho. Seguida de uma pesquisa bibliográfica e multimídia com resumos e fichamentos das leituras feitas, assim como seleção de fotos tiradas pelos acadêmicos de Licenciatura em História.

Os resultados alcançados com a análise feita, pode-se observar o acervo arqueológico, de relevância não só nacional, mas também internacional o que coloca o Brasil, ou porque não dizer, o Piauí diante de um dos maiores questionamentos da chegada do homem no continente americano. A pesquisa serviu para o enriquecimento acadêmico, e claro pessoal, uma vez que, ao depararem com vestígios de datações tão antigas refletiram sobre quão grande é o mistério da presença do homem no nosso continente americano.

O Parque Nacional da Serra da Capivara localiza-se na região sertaneja do extremo Sul do Piauí, nos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí e possui uma área de aproximadamente 129.140 hectares. Situa-se em um local de beleza singular, com fauna e flora exóticas e pouco estudadas. Esse espaço, considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO e declarado pela ONU unidade de conservação com melhor infraestrutura da América Latina conta com patrocínio da Petrobras para sua conservação, manutenção, proteção e divulgação (PESSIS, 2012).

O Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado através do Decreto 83.548, de 05 de junho de 1979. O parque é administrado pela Fundação do Museu do Homem Americano (FUMDHAM), com parceria com o instituto Chico Mendes, que foi criado no ano de 1986, no município de São Raimundo Nonato (BRASILTURISMO, 2011).

Segundo BRASILTURISMO (2011):

A criação do Parque está associada a preservação de um meio ambiente específico e de um dos mais importantes patrimônios culturais atualmente conhecidos no país. Após estudos feitos por especialistas da Missão Franco-Brasileira ressaltando a relevância da área, vários segmentos da sociedade colaboraram para a criação do mesmo. A região como um todo apresenta aspectos arqueológicos bastante significativos e teve em outras épocas a presença de povos indígenas que foram dizimados pelos colonizadores espanhóis e portugueses (BRASILTURISMO, 2011).

O parque foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em função do acervo arqueológico encontrados, com uma paisagem imponente de cânions, encostas abruptas e formações rochosas esculpidas em rocha arenítica.

O número de sítios descobertos pelos pesquisadores da FUMDHAM aumenta anualmente. Em 2012, estão cadastrados 1.028 com arte rupestre, sendo 735 sítios com pinturas, 206 com pinturas e gravuras e 87 somente com gravuras. No sítio do Boqueirão da Pedra Furada, foram feitas as mais antigas datações que atestam a presença do homem no continente Americano há 48 mil anos atrás (BRASIL TURISMO, 2011).

Os guias do PARNA Serra da Capivara (2018) que acompanharam os acadêmicos, repassaram informações sobre as pinturas rupestres quanto a datação, pigmentação e divisão Agreste, Nordeste e Grafismo. O homem penetrou no continente americano muito antes de 30.000 anos. As escavações, sondagens e coletas de superfície forneceram abundante material proveniente das atividades de populações que ocuparam a região há, pelo menos, cerca de 50.000 anos até a chegada dos colonizadores brancos. As escavações no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada permitiram a descoberta de vestígios que foram datados pela técnica do Carbono 14, alcançando até 48.000. Restos de pinturas foram encontrados em camadas extremamente antigas sendo, portanto, as primeiras manifestações de arte pré-histórica americana.

Cientistas que atuam no O Boqueirão da Pedra Furada é, hoje, o mais antigo e importante sítio arqueológico das Américas (FUMDHAM, 2011). Trabalham para integrar a conservação arqueológica e natural deste ambiente único no país. O parque provocou uma revisão da história do homem no continente americano e tem um dos mais fortes potenciais em termos da folkcomunicação dos povos pré-coloniais do Brasil.

Esse artigo apresenta-se: introdução com descrição da pesquisa até as referências, segundo tópico aborda os sítios arqueológicos com suas pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara-PI, o terceiro tópico aborda o homem presente nos sítios arqueológicos, no quarto tópico encontra-se a metodologia e resultado da pesquisa e no quinto tópico são as considerações finais seguida do último tópico que são as referências.

Portanto, pretende-se com esse estudo refletir sobre a importância dos achados arqueológicos no Parque Nacional da Serra da Capivara. O turismo também é cultivado a partir do foco da educação patrimonial, e tem alcançado resultados para que as pessoas reconheçam a importância do legado existente no local.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Antes da chegada dos Portugueses ao Brasil, o sudoeste do Piauí foi densamente habitado por povos caçadores e coletores primitivos. Sabendo-se que desde meados do século 17 até o século 19, os nativos passaram por um processo de catequização jesuítica.

Ao mesmo tempo, com a gradativa conquista do território, foram sendo dizimados até a extinção. As terras começaram então a ser transformadas em fazendas de gado e pequenas lavouras. A pecuária extensiva dominou a área até meados do século 19, quando a maniçoba, planta típica da caatinga de onde se extraía látex para produção de borracha, tornou-se um produto rentável, porém explorado à exaustão (FUMDHAM, 2011).

As pesquisas arqueológicas na região iniciaram-se em 1970 e a primeira expedição científica para a área foi realizada em 1973, em colaboração com o governo francês.

No Parque Nacional da Serra da Capivara existem evidências que podem indicar a presença humana há 50.000 (cinquenta mil) anos. Ainda não se sabe exatamente como o homem teria chegado ao continente americano, nem como teria ocorrido seu povoamento (MARTINS, 1997).

Entretanto, acredita-se que entre 50.000 e 12.000 anos atrás, grupos humanos habitavam a região de São Raimundo Nonato. As datações, que ainda não são amplamente aceitas pela comunidade científica, revolucionaram as teorias de ocupação das Américas. Elas calculam que o homem teria entrado no continente entre 10.000 (dez mil) e 20.000 (vinte mil) anos atrás, por pontes de terra que ligavam Ásia e América do Norte durante as glaciações, o estreito de Bering (GUIA PARNA 01, 2017).

A criação do Parque Nacional da Serra da Capivara ocorreu em 1979. Em 1991, ele foi incluído na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade, da Unesco. Três anos mais tarde, foi assinado um convênio entre o Ibama e a Fundação do Homem Americano para a gestão conjunta do Parque (PESSIS, 2003).

No Parque Nacional da Serra da Capivara existem mais de 1.100 sítios arqueológicos catalogados, onde foram encontrados esqueletos humanos, artefatos em pedra polida e cerâmica, inscrições rupestres, cerca de 40.000 pinturas nas rochas restos de fogueiras e fósseis de animais pré-históricos. Espécie atualmente extinta, como tigres-dente-de-sabre, Ihamas, tatus e preguiças gigantes vagaram, um dia, pela região (BRASIL TURISMO, 2011).

A Fundação Museu do Homem Americano, que administra o Parque Nacional da Serra da Capivara admite o potencial comunicacional das pinturas rupestres:

Este costume de se exprimir graficamente é uma manifestação do sistema de comunicação social. Como tal, a representação gráfica é portadora de uma mensagem cujo significado só pode ser compreendido no contexto social no qual foi formulado. Trata-se de uma verdadeira linguagem, na qual o suporte material é composto por elementos icônicos, cuja completa significação perdeu-se definitivamente no tempo por não conhecermos o código social dos grupos que o fizeram. Não podendo decifrar este código, resta uma possibilidade de se conhecer mais sobre os grupos étnicos da pré-história através da identificação dos componentes do sistema gráfico próprio de cada grupo e de suas regras de funcionamento. Efetivamente, cada grupo étnico possui um sistema de comunicação gráfico diferente, com características próprias. Assim, mesmo que não possamos decifrar a sua significação, será possível identificar cada um dos conjuntos gráficos utilizados pelos diferentes grupos. Quando os conjuntos gráficos permitem o reconhecimento de figuras e de composições temáticas, existe também a possibilidade de identificar os elementos do mundo sensível que foram escolhidos para ser representados. Esta escolha é de fundo social sendo também caracterizadora de cada grupo, pois oferece indicadores sobre os elementos do entorno e as temáticas que são valorizadas por cada sociedade (FUMDHAM, 2011).

A cotidianidade entre esses habitantes pré-coloniais no Parque Nacional da Serra da Capivara é a principal caracterização de publicação de informação.

Os sítios arqueológicos com pinturas rupestres identificados na serra mostram cenas de danças, lutas, sexo, rituais e figuras de animais. Como uma pintura não pode ser datada diretamente, é por meio do estilo dos desenhos que os arqueólogos conseguem estimular a sua idade.

O período de cada estilo, por sua vez, é calculado com base nos vestígios encontrados nos abrigos próximos das pinturas, como carvão de fogueiras e ossos. Portanto, é comum observar, lado a lado na mesma parede, um gráfico pintado milênios depois do outro. Em 1978, a arqueóloga Niède Guidon escavava o Boqueirão da Pedra Furada quando encontrou vestígios da presença do homem na região, datados posteriormente de até 50.000 anos (MARTINS, 1997).

Os abrigos sobre rochas que dispunham de caldeirões eram utilizados como pontos de caça e os espaços mais abertos, como moradia. Entre 12.000 (doze mil) e 5.000 (cinco mil) anos, com a entrada do clima semiárido, um novo período cultural se desenvolveu.

Os instrumentos passaram a ser realizados com diferentes técnicas líticas e a cerâmica apareceu como artesanato. As pinturas foram realizadas durante milênios, ilustrando a vida cotidiana, os cerimoniais e os animais, muitos deles hoje inexistentes na região. Há cerca de 3.500 (três mil e quinhentos) anos, aparecem povos agricultores e ceramistas, que sepultavam os mortos em covas na terra ou em urnas funerárias. Permanecem ali até a chegada dos colonizadores, quando foram dizimados (PESSIS, 2011).

Entretanto, apesar de ainda polêmicos, os achados podem fortalecer as teorias que dizem que os homens teriam chegado à América também por via marítima, vindo da Polinésia e da Oceania. De qualquer modo, os habitantes primitivos da Serra da Capivara inovaram tecnicamente, fazendo instrumentos cortantes, raspadores e perfuradores, em pedra que podem ser vistos no Museu do Homem Americano no município de São Raimundo Nonato-PI.

ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SÃO RAIMUNDO NONATO

A interação homem-meio da pré-história aos dias atuais é o título do grande projeto que Niède Guidon e Anne Marie Pessis desenvolveram como diretoras e pesquisadoras da Fundação do Museu do Homem Americano, com sede em São Raimundo Nonato – Piauí. Desde seu início em 1970, o projeto contou com um expressivo número de colaboradores nacionais e estrangeiros, de forma que foi possível a manutenção de equipes permanentes para as diversas atividades nele integradas: pré-história, etno-história, antropologia, geologia, paleontologia, zoologia, botânica e educação (PESSIS, 2003).

Ao longo dos 25 anos o projeto possibilitou que se reunisse um acervo arqueológico de singular importância para a pré-história do Nordeste. Não se conhecia em toda a América, uma área arqueológica com a densidade de registros rupestres dos abrigos do Parque Nacional da Serra da Capivara, na atualidade, representava referencial obrigatório para todo estudo de arte rupestre brasileira. Porém o PARNA Serra da Capivara vive passando por situações que o leva a degradação e perdas em todos os sentidos, devido descaso de autoridades e falta de verbas de manutenção.

As escavações realizadas em seus abrigos e cavernas permitiram o estabelecimento de seqüências crono-estratigráficas excepcionalmente longas que poderão servir de base comparativa para seqüências cronológicas de outras partes da América do Sul. Essas seqüências cronológicas foram resultado de escavações exaustivas em abrigos que apresentaram sedimentos profundos do holoceno e do pleistoceno; as escavações ainda continuarão por muito tempo em virtude do volume de terra a ser removido (PESSIS, 2011).

Portanto, grandes quedas de blocos, que serviram de proteção para a conservação dos estratos mais antigos em vários abrigos, dificultam, porém, o andamento das escavações.

A área onde se desenvolveram as pesquisas arqueológicas da Fundação do Museu do Homem Americano compreende parte dos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, São João do Piauí e Canto do Buriti, no estado do Piauí (GUIA PARNA 01, 2017).

Entretanto, grande parte dessa área arqueológica está situada dentro do Parque Nacional da Serra da Capivara, único parque nacional localizado no domínio do semiárido com vegetação de caatinga. A área está situada na fronteira entre duas grandes formações geológicas que são a bacia sedimentar Piauí-Maranhão e a depressão periférica do São Francisco. A região apresenta passagens variadas e pitorescas, na forma de serras, canyons, vales e planícies (FUMDHAM, 1998).

O Sítio Boqueirão da Pedra Furada, o Sítio do Meio e a Toca do Baixão do Perna, formam com mais outros trinta e cinco abrigos, o Complexo Serra Talhada. Os abrigos desse conjunto oferecem painéis rupestres pintados à altura da mão e outros que estão situados até oito a doze metros de altura do solo atual, sendo necessária a construção de plataformas para se ter acesso às pinturas. A abundância, a riqueza e a complexidade dos painéis pintados nos abrigos do Complexo Serra Talhada transformam esses sítios em um conjunto rupestre único no mundo (GUIA PARNA 01, 2017).

O Sítio do Boqueirão da Pedra Furada

A toca do Boqueirão da Pedra Furada forma um abrigo sob rocha de grandes dimensões, com 75 metros de altura aproximadamente e uma largura de 70 metros, aberto ao sul, situado no sopé de cueira arenítica e em frente à planície pré-cambriana. As paredes do abrigo estão cobertas de pinturas pertencentes a períodos diferentes das tradições Nordeste e Agreste que totalizam mais de mil gráficos, mas significam apenas os restos de painéis rupestres que deveriam ser muito superiores em número de registros gráficos (MARTINS, 1997).

Portanto, além da plataforma, que permite o assentamento de um expressivo número de indivíduos, o abrigo apresenta, no lado esquerdo, um boqueirão que recebe diretamente a água da chuva que escorre por uma chaminé escavada na rocha, e que armazena aproximadamente 7000 litros d'água (GUIA PARNA 02, 2017).

O abrigo da Pedra Furada pode ser considerado um privilégio pelas condições de habilidade que apresenta. É um lugar úmido e fresco, especialmente na parte da manhã, em meio à caatinga quente e seca. A presença d'água e a beleza do lugar pelas formações areníticas avermelhadas formando colunas, explicam o seu uso como centro cerimonial em diversos períodos da pré-história, além de ter sido abrigo de caçadores durante o pleistoceno e o holoceno. A arte rupestre, além de ser uma expressão notável da simbolização dos grupos humanos, ela é capaz de refletir a identidade cultural das populações que as produzem e, também definem o seu território.

Entretanto, escavado durante dez anos, de 1978 a 1988, com exceção das colunas estratigráficas reservadas como testemunhos, o sítio é hoje um museu ao ar livre no qual é possível se observar as sequências das ocupações humanas e se admirar as pinturas rupestres que cobrem imenso paredão, através de uma passarela ali instalada com esse fim, que permite ao visitante contemplá-las detalhadamente, essa sala de aula a céu aberto supera qualquer tecnologia ao ministrar uma aula de arqueologia para acadêmicos de História (MARTINS, 1997).

A escavação do sítio da Pedra Furada evidenciou presenças naturais correspondentes às ocupações que foram agrupadas por Niède Guidon em três períodos básicos identificados como: Fase Pedra Furada, do pleistoceno, Fase Serra Talhada, do holoceno, e uma última ocupação, iniciada a partir de 6.000 anos, denominada Fase Agreste, constatada pela chegada de novos grupos étnicos, caracterizados por técnicas e temáticas rupestres diferentes (PESSIS, 2003).

Durante o período mais antigo de ocupação do abrigo foram identificados numerosos fogões com abundante carvão. Em torno desses fogões encontram-se artefatos líticos, lascados sobre seixos de quartzo e quartzito e, em menor quantidade sobre lascas além de alguns artefatos lascados, muitos desses encontram-se no Museu do Homem Americano, onde os acadêmicos puderam constatar.

Portanto, trata-se de matéria-prima exógena, pois o abrigo é de formação arenítica e não apresenta, no seu interior, queda nem arraste de seixos. As ocupações humanas deveriam ser temporárias e cerimoniais com o “habitat” permanente em aldeias ou acampamentos fora do abrigo (GUIA PARANA 02, 2017).

Na fase Serra Talhada, já no holoceno, a partir de 12.000 anos BP, a densidade das ocupações humanas aumenta e as indústrias líticas apresentam maior refinamento e variedade na matéria-prima com a presença de sílex e calcedônia. Não obstante o aumento demográfico e as mudanças tecnológicas, na opinião de Niède Guidon e Anne Marie Pessis isso não significa a substituição dos grupos étnicos que frequentaram o sítio da Pedra Furada e sim uma lenta e gradual evolução dos grupos antigos que povoaram e se adaptaram à região durante milhares de anos (PESSIS, 2003).

Os povos não ficaram isolados, pois a evolução e a riqueza das pinturas rupestres desse sítio e de outros da mesma área, indicam contatos, tanto pelo aumento da temática dos registros rupestres, como pela evolução das indústrias líticas. Um bloco pintado com duas linhas paralelas vermelhas e caído junto a uma fogueira, datada de 17.000 anos BP, pode significar o começo da grande arte parietal conhecida como tradição Nordeste e que se manifesta na região a partir de 12.000 anos, com longa duração até 7000-6000 anos (GUIA PARANA 02, 2017).

Figura 01 – Sítio Boqueirão da Pedra Furada



Fonte: Da autora

A monografia final relativa ao Sítio do Boqueirão da Pedra Furada foi publicada na França, assinada por Niède Guidon, Anne Marie Pessis e Fábio Parenti, e nela estão estudadas, exaustivamente, as ocupações humanas do abrigo, os materiais arqueológicos coletados, com a classificação das indústrias líticas e a evolução das manifestações rupestres (GUIA PARNA 02, 2017).

28

Toca do Sítio do Meio

A toca do Sítio do Meio é uma área arqueológica de São Raimundo Nonato. O Caldeirão do Rodrigues I e a Toca do Sítio do Meio forneceram evidências de ocupação humana durante o pleistoceno. No primeiro, a sondagem prévia proporcionou a data de 18.600 anos BP e no segundo, com uma série de sondagens iniciadas em 1978, obtiveram-se quatro datações superiores a 12.000 anos AP (GUIA PARNA 03, 2017).

As escavações foram interrompidas durante alguns anos e retomadas por Niède Guidon, intensivamente, a partir de 1991. Com elas, pretende-se confirmar a antiguidade das ocupações humanas na pré-história da região, já assinadas no Sítio da Pedra Furada. Portanto, para isso, aprofundou-se a escavação dos estratos pleistocênicos que chegam até mais de seis metros de profundidade com vestígios de ocupação. Grandes blocos caídos fazem essa escavação

extremamente penosa e difícil, mas, por outro lado, asseguram a impossibilidade de que os estratos mais antigos tenham sido perturbados (PESSIS, 2011).

As indústrias identificadas no Sítio do Meio, nas quais se utilizou o silito, o quartzo, e a calcedônia, são compostas de inúmeras lascas trabalhadas, vários tipos de raspadores, choppers e lesmas, estas últimas especialmente abundantes nos níveis holocênicos. A presença de pigmentos em níveis datados em torno de 9000 anos BP pode ser relacionada com as pinturas rupestres (GUIA PARNA 03, 2017).

Portanto, durante as escavações de 1992 e 1993, dirigidas pessoalmente por Niède Guidon, dois achados de especial relevância somaram-se aos dados já obtidos no Sítio do Meio: dois Fragmentos de cerâmica da fatura simples e superfície alisada, coletados num fogão estruturado, foram datados com o carvão coletados na fogueira, em 8960 anos BP, estando em andamento também a datação por termoluminescência. Continuando as escavações, Niède Guidon coletou, na base da mesma fogueira, uma lâmina de machado polido, em granodiorito, com acabamento central e finalmente trabalhado (PESSIS, 2011).

O carvão em contato direto com o machado proporcionou datação radiocarbônica de 9200 anos BP. Esses dois achados modificam as cronologias tradicionais estabelecidas para os começos da cerâmica e da técnica do polimento sobre pedra na pré-história brasileira, fatos nunca admitidos como anteriores ao terceiro milênio para a cerâmica e ao primeiro milênio para os começos da pedra polida.

A Toca do Sítio do Meio apresenta características morfológicas parecidas com as da Pedra Furada, da qual se separa com uma distância de escassos 1000 m, formando um grande abrigo arenítico cujas paredes estão cobertas de pinturas rupestres da tradição e nas quais é possível se estudar a evolução das diferentes crono-variedades.

Portanto, em 1993 suspenderam-se as escavações arqueológicas no Sítio do Meio e preparou-se o abrigo para a visitação, com uma passarela de madeira da qual é possível observar-se a formação estratigráfica do sítio, desde as primeiras camadas pleistocênicas da ocupação humana, assentadas sobre um estrato virgem formado pelos depósitos do leito arcaico do rio que cavou o abrigo, até as ocupações holocênicas e dos tempos recentes, quando foi utilizado como “casa de farinha de mandioca, da qual ainda se conserva um forno restaurado. “A última ocupação humana registrada durante as escavações de 1993 até se atingir a base rochosa, proporcionou uma datação de 20.280 anos “antes do presente” (BP)” (MARTINS, 1997).

O Conjunto do Baixão do Perna

O Baixão do Perna forma um barranco ou canyon estreito e sinuoso onde se acumulam onze abrigos sob rocha, de arenito, com pinturas rupestres. Pela sua condição de “baixão” nele a umidade é maior do que nas áreas abertas e, em consequência, apresenta vegetação de caatinga arbórea e vestígios de mata tropical úmida. Quatro abrigos recebem o nome de Toca do Baixão do Perna I, II, III e IV.

O número I, o único que acumulava sedimento, foi totalmente escavado e reveste-se de extraordinária importância pelos resultados inesperados que proporcionou. Situado sobre uma plataforma rochosa, o Sítio do Perna I ocupa área de mais de 700 metros quadrados. É muito conhecida a dificuldade para se poder datar registros rupestres, mesmo em sítios passíveis de serem escavados, pois há poucas possibilidades de se poder relacionar o sedimento arqueológico com pintura ou gravuras pré-históricas (MARTINS, 1997).

Os grandes achados do abrigo do Perna I foi a descoberta de um painel rupestre pintado soterrado por uma camada arqueológica datada de 4920 anos BP. Esse achado significou uma data “post quem” indiscutível para as pinturas que, indubitavelmente, eram anteriores à formação do estrato arqueológico que as cobriu. Entretanto por sua vez, a camada inferior, quando o painel ficou a descoberto, foi datada numa sequência cronológica compreendida entre 10.000 a 7000 BP, o que significa que o painel foi pintado num período dentro dessas datas (GUIA PARNA 03, 2017).

Portanto, este achado, único em todo o Brasil, seria suficiente para se considerar o sítio entre os mais importantes da América, mas, além desse fato, o abrigo do Baixão do Perna I apresentou também condições de habilidades singulares: a 500 metros, aproximadamente, de distância do abrigo, um caldeirão natural até 4000 litros d’água durante a maior parte do ano, e até hoje é o único recurso hídrico para a fauna local (FUMDHAM, 2011).

Durante o período das escavações que, sob a direção de Niède Guidon, realizou a arqueóloga Patrícia Pinheiro (1990), foram evidenciados também no próprio abrigo, caldeirões menores, naturais, escavações na rocha que recolhiam água da chuva, o que significa que o abrigo contava com água no próprio recinto habitacional. Essas condições transformaram naturalmente o abrigo do Perna I em um lugar privilegiado e não é de se estranhar que tenha sido usado ininterruptamente desde a sua primeira ocupação, em época não determinada.

O sítio encontra-se nas margens de um canyon e os vestígios mais antigos foram carregados pelas enchentes. Somente quando se iniciou o período semi árido, há 11.000 anos atrás, a força da corrente diminuiu e os restos das ocupações ficaram (PESSIS, 2003).

Ao contrário de outros abrigos que foram ocupados apenas temporariamente por grupos de caçadores, o sítio do Baixão do Perna I foi moradia permanente de grupos humanos da fase Serra Talhada, segundo a nomenclatura estabelecida para a Pedra Furada, numa sequência cronológica de 11.000 a 5.000 anos antes do presente.

A ocupação permanente do abrigo foi mais intensa durante o período mais antigo, que corresponde ao nível, onde foram assinaladas 121 estruturas de fogueiras rodeadas de seixos ou pequenos blocos de arenito. Essa ocupação relaciona-se com as pinturas rupestres da tradição Nordeste, presente em todos os abrigos do Baixão do Perna. Portanto, entre cinco e três mil anos BP, a ocupação foi menos intensa e pode também ser relacionada com as pinturas rupestres da tradição Agreste (MARTINS, 1997).

A ocupação da fase Serra Talhada apresentou material lítico abundante e variado, com matéria-prima exógena como o sílex, além do quartzo, quartzito, arenito e cristal de rocha, em forma de núcleos, seixos lascados, lascas, raspadores, facas, lesmas, furadores, lâmpada e lamelas. Entretanto, um núcleo poliédrico em quartzo, com preparo de plano de percussão e contra-bulbos perpendiculares, demonstram uma fina técnica no lascamento de lâminas.

A presença de corantes, às vezes relacionadas com o material lítico, indica a prática de pintura parietal a partir dos níveis mais profundos nos quais se assinalaram, também, fragmentos do arenito desprendido da parede com grafismos pintados identificáveis.

METODOLOGIA E RESULTADO DA PESQUISA

Segundo Silva (2018), o PARNA Serra da Capivara é uma sala de aula a céu aberto que por si só já ensina sem nenhuma tecnologia ou metodologia complexa. As pinturas rupestres expressam o cotidiano dos que ali viveram, sem nenhuma palavra escrita nos códigos (letras) adotados até o momento no século XXI, as pinturas conseguem expressar toda uma cultura de um povo que seu único legado encontra-se nos paredões rochosos do PARNA Serra da Capivara.

Com a disciplina de Arqueologia surge a necessidade de conhecer *in loco* as pinturas rupestres do PARNA, elabora-se um pré-projeto para uma aula de campo e a partir desse momento trabalha-se para que seja posto em execução o pré-projeto com (42) quarenta e dois alunos do curso de Licenciatura em História do CEAD/UFPI. Faz parte do pré-projeto, um roteiro de pesquisa - escrita da fala dos guias do PARNA, fotos e perguntas específicas aos guias e também à pesquisadores nacionais e internacionais que encontravam-se no PARNA na data da visita de campo - para os acadêmicos seguirem na aula de campo, foram divididos em equipes e na data escolhida seguiram para o PARNA Serra da Capivara onde puderem ver, sentir, inalar e

comprovar as pinturas rupestres nos sítios e aos achados arqueológicos no Museu do Homem Americano. Registraram tudo por onde passaram, pois foram escolhidos sítios específicos para essa aula de campo, finalizando no Museu do Homem Americano. Ao retornarem cada equipe ficou encarregado de fazerem um relatório e apresentarem de forma oral encerrando a disciplina de arqueologia. Todos os objetivos propostos foram alcançados com êxito. Para a construção do artigo iniciou-se uma pesquisa bibliográfica e multimídia com resumos e fichamentos das leituras feitas de autores como Anne Pessis e Niède Guidón sobre o PARNA Serra da Capivara e Cleide Silva sobre práticas pedagógicas, as anotações das falas dos guias, assim como seleção de fotos tiradas pelos acadêmicos de Licenciatura em História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, que os estudos realizados no Parque Nacional Serra da Capivara-PI, contribuíram imensamente para o conhecimento acadêmico e o próprio entendimento da história, permitindo não só aos futuros historiadores, mas a toda e qualquer pessoa que visite o parque, conhecer as maravilhas ali existentes e sua relevância ao nosso país e a sociedade como um todo.

A aula de campo serviu para uma análise, após a observação ao acervo arqueológico, de relevância nacional e internacional, que coloca o Brasil diante de um dos maiores questionamentos da chegada do homem no continente americano. Os acadêmicos diante dos vestígios arqueológicos com datação tão antiga passaram a refletirem e questionarem aos guias e pesquisadores de outros estados e países que se encontravam no PARNA Serra da Capivara no momento da aula de campo dos acadêmicos, pois tão grande é o mistério da presença do homem no nosso continente americano.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013

FILHO, Humberto Cunha. TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. As Formas de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro Face à Constituição de 1988. *O público e o privado*. Fortaleza: UECE, 2003 – Semestral. Conteúdo: ano 05, n. 10, julho/Dezembro, 2007, p. 143 - 157.

GUIDON, Niède. *A arte pré-histórica de São Raimundo Nonato: síntese de dez anos de pesquisa*. Clio, série Arqueológica, v.2, p. 3-90, 1985.

_____. *Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil*. Clio, Série Arqueológica, n. 5, 1989.

LE GOFF, Jaques. *Memória e História*; Campos SP. Ed. da UNICAMP, 2003. p. 13.

PESSIS Anne-Marie. In: “Apresentação gráfica e apresentação social na tradição Nordeste de Pintura rupestre do Brasil”. In: *Revista Clio numero 5, serie arqueológica.recife*, UFPE. 1989.

SILVA, Cleide Maria de Carvalho. *As Práticas Pedagógicas Utilizadas no Parque Nacional da Serra da Capivara-PI*. Teresina: EDUFPI, 2018

WINCKELMANN, J. J. *Reflexões Sobre a Arte Antiga*. Porto- Alegre: Movimento, 1975, p. 69.